



<https://doi.org/10.51880/ho.v27i3.1445>



Águas de Guapimirim como lugar de memória: trilhas praticadas e autorrepresentação

Gianne Maria Montedônio Chagastelles*

ORCID iD 0009-0006-7089-2413

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: O presente trabalho discute o patrimônio cultural/natural das cidades e a relação com as lembranças de seus habitantes. Apresento uma leitura histórica sobre as práticas, complexas, múltiplas, diferenciadas de apropriação dos lugares de memória de Guapimirim (RJ). Os lugares de memória, conforme conceito formulado por Pierre Nora (1993), são espaços materiais e simbólicos, onde a história é representada. O texto propõe um poder de conversa entre fotografias e entrevista oral, partindo das lembranças e narrativas autobiográficas do entrevistado. Esse estudo traz à tona as expressões das subjetividades dos indivíduos e do coletivo na construção da história, problematizando discussões entre o individual e o coletivo, entre o público e o privado. Ao se trabalhar a partir das lembranças das pessoas anônimas (“comuns”) e dos monumentos não glorificados pela História oficial, agregam-se à memória social vezes muitas vezes dissonantes com a ordem vigente.

Palavras-chave: Memória. Narrativa autobiográfica. Patrimônio Cultural e Natural. Cidade. Guapimirim (RJ).

* Pós-doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH/UFF), sob supervisão da Profa. Dra. Ana Maria Mauad (2024-2025). Doutora em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (2015), linha de pesquisa Sociedade e Cultura, com bolsa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Estágio de pesquisa no Doutorado – bolsa sanduíche financiada pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) – de um ano na Itália, Storia dell’arte e dell’architettura - Università IUAV di Venezia. Mestre em História e Crítica de Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRJ (2003). Bacharel em Pintura pela Escola de Belas Artes da UFRJ (1991) e Licenciada em Educação Artística no Instituto Metodista Bennett (1995). Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) desde 2015, ministrando as disciplinas de Estágio Supervisionado em Artes e Prática Pedagógica em Artes, na Licenciatura em Artes Visuais no Instituto de Artes (IART); e as disciplinas Artes Visuais e História da Arte, na Educação Básica do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (Cap-UERJ). E-mail: giannemmc1966@gmail.com.

Guapimirim's waters as a place of memory: trails practiced and self-representation

Abstract: This paper discusses the cultural/natural heritage of the cities and their relationship with the memories of their inhabitants. I present a historical view about the complex, multiple and differentiated practices of appropriating Guapimirim places of memory. "Places of memory", according to the concept formulated by Pierre Nora (1993), are material and symbolic spaces where history is represented. The text proposes a power of conversation between photos and oral interviews, starting from the memories and the autobiographical narratives of the interviewees. This study brings to light the expressions of the subjectivities of the individuals and the community in the construction of history, problematizing discussions between the individual and the group, between the public and the private. By working from the memories of anonymous ("ordinary") people and monuments not glorified by official history, voices that are often dissonant with the prevailing order are added to social memory.

Keywords: Memory. Autobiographical narrative. Cultural and Natural heritage. City. Guapimirim.

Introdução

O presente artigo discute os espaços da cidade de Guapimirim e a relação com as memórias de seus habitantes, sendo fruto do diálogo entre pesquisa e ensino, pois parte do trabalho realizado em sala de aula com os estudantes da disciplina que ministro na Graduação no Curso de uma Universidade Pública. Nesta disciplina, trabalhei o conceito de "lugares de memória", conforme formulado por Pierre Nora (1993), realizando um estudo teórico e prático sobre a cidade, o patrimônio cultural/natural e a memória dos usuários. Problematizei a importância da leitura dos lugares de memória enquanto espaços materiais e simbólicos, onde a história ensinada é representada, atentando a diferentes lugares trazidos pelos estudantes, com o fim de que eles se tornassem protagonistas na relação ensino-aprendizagem e na constituição do que deve ser lembrado como legado cultural. Deslocar os discentes para o centro de suas próprias produções culturais é uma das estratégias adotadas para estabelecer uma aproximação dos estudantes ao mundo das práticas culturais. Parti das narrativas autobiográficas, ou seja, do que eles conhecem e têm a dizer sobre si mesmos e suas cidades, enquanto sujeitos protagonistas de suas próprias histórias. Discuti questões relativas à autorrepresentação e às expressões das subjetividades dos indivíduos e do coletivo no que se refere às escolhas do que deve ser lembrado e esquecido no diálogo entre história e memória (Huyssen, 1997).

Gomes e Schmidt (2009) ressaltam que, desde as últimas décadas do século XX, o trabalho dos historiadores não se esquia da memória, sobretudo "por seu caráter afetivo, sacralizante e individualizante, ela foi pensada como o 'outro' da história, esta vista como racional, dessacralizadora e voltada para o coletivo" (Gomes; Schmidt, 2009, p. 7). A história pode se tornar memória, pois determinadas características são comuns a essas duas formas de escrever sobre o passado. Assim, da mesma forma que

se acentuou o diálogo entre história e memória, nas últimas décadas, o gênero das narrativas autobiográficas entrou em cena no palco do conhecimento histórico, como nos lembra Arfuch (2010), gerando discussões entre o individual e o coletivo, o público e o privado.

Este estudo se volta aos arquivos privados e seu diálogo com o público, especificamente às lembranças do entrevistado Leonardo Porcino¹ sobre a cidade de Guapimirim, no estado do Rio de Janeiro. Busco não somente rastros das ações e ideias do entrevistado, mas também a forma pela qual ele constituiu a si mesmo, à medida que selecionava seu lugar de memória, propondo um sentido para a sua vida na sua cidade.

Os modos de uso da cidade, de seu patrimônio cultural e natural, se tornam fontes e lugares de memória do espaço urbano. Essa diversidade se abre para diferentes olhares e percepções sobre a cidade, que é pensada como espaço de trilhas – de sociabilidades, de encontros, de circulação, de trabalho, de lazer, de história – que são apropriadas pelas pessoas. Tais representações demonstram hábitos mentais, posicionamentos ideológicos, éticos e morais, resultantes de condições de interações e imposições, resistências e incorporações, destacando dessa maneira a atenção para as forças criadoras de *habitus* inerentes a cada grupo, em uma determinada época (Bourdieu, 2011). A cidade é aqui tratada como espaço interacional que pode ser apropriado nos dispositivos socioculturais dos ambientes que comunicam diversas identidades, presenças, modos de fazer, diversos *habitus* e subjetividades dos indivíduos anônimos (Herschmann; Sanmartin, 2014).

Nesse contexto, a cidade começa a ser entendida como lugar de controle, codificação e regulação do conjunto de práticas sociais que nela se realizam, bem como da racionalização de seus espaços a serviço de um projeto global de organização social.

1 Leonardo Baelos Porcino nasceu em 1992, na cidade de Guapimirim, município do estado do Rio de Janeiro. Morou na comunidade da Chatuba, em Mesquita, no Rio de Janeiro, até seus cinco anos de idade. Depois, retornou para Guapimirim. Posteriormente, aos 22 anos, mudou-se para São João de Meriti, na Baixada Fluminense e, nos últimos anos, vive na Freguesia de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. É graduando do curso de Licenciatura em Artes Visuais.

A *cidade*² comunica e informa seus processos, reflete e é atravessada por representações e símbolos que traduzem hegemonias e contra-hegemonias. O poder oficial exerce um controle e um domínio sobre as pessoas, mas elas fogem ao controle com seus diferentes usos e apropriações plurais do espaço.

Além dos conceitos de “lugares de memória” de Nora (1993), de “narrativas autobiográficas” de Gomes e Schmidt (2009) e de Arfuch (2010), o eixo teórico-conceitual deste estudo gira em torno da obra *A invenção do cotidiano* de Michel de Certeau (1994). Busco uma interpretação que fuja dos modelos em que os cidadãos sempre aparecem como manipulados e alienados. Conforme ressalta o autor, o discurso do poder “se urbaniza”, entretanto, o poder disciplinador, panóptico, é driblado, por meio de apropriações astutas, de trilhas, dos habitantes anônimos, fazendo com que os modos de uso da cidade sejam difíceis de serem regulados. Aqui, a palavra “trilha” tem duplo significado, tanto como trilha espacial realizada nas matas, cachoeiras e rios, quanto no sentido de antidisciplina, conforme formulado por Certeau (1994).

Entretanto, na cidade convivem sujeitos de origens diversas, seja social, étnica ou cultural desenvolvendo, assim, laços de sociabilidade e de dependência entre as pessoas, formando um conjunto misto, uma meada difícil de desembaraçar. Estes cruzamentos ou atravessamentos não devem ser entendidos como relações de exterioridade entre dois grupos estabelecidos de antemão e sobrepostos (um rico e outro pobre, um erudito e outro popular), mas como produtores de “ligas” culturais ou intelectuais cujos elementos se encontram solidamente incorporados uns nos outros. A uma produção racionalizada, corresponde uma produção qualificada como consumo, que é ardilosa, se encontrando dispersa, silenciosa e quase invisível, uma vez que não assinala a sua

2 Para entender melhor as vicissitudes da formação histórica das cidades no Ocidente e sua relação com a modernidade, ver as obras destes autores clássicos aqui citados. Há a tradição da análise histórico-sociológica weberiana e há o intenso influxo da historiografia da *École des Annales*. O ressurgimento das cidades, a superação do ruralismo feudal são traços decisivos da modernidade. Max Weber (2006; 2004) e Sombart (1965), Pirenne (1973) e Braudel (1996) são unânimes em apontar a centralidade do fenômeno urbano como sintoma e determinante das grandes transformações sociais, políticas, econômicas, culturais e psicológicas que vão marcar o Ocidente moderno. As cidades significam um novo padrão de sociabilidade, permitem novas relações políticas e econômicas, moldam novos costumes, sensibilidades, mentalidades. Trata-se de reconhecer que a cidade é dominação, como quer Braudel, capacidade de comando, espaço de exercício do poder; e muito mais é a cidade: é memória coletiva, no sentido de Halbwachs (2006), é língua, é artefato, é índice do desenvolvimento histórico global. Assim, houve a cidade antiga, a cidade da religião e dos impérios escravistas; houve a cidade renascentista, o espaço do comércio e da razão; houve a cidade barroca dos séculos XVII e XVIII, a culminância do poder absolutista e de sua crise; e houve a cidade industrial, dos séculos XIX e XX, a vitória dos novos materiais, das novas técnicas construtivas, do concreto armado e do aço, da reorganização dos espaços. Há também um sentido econômico na realidade urbana. Werner Sombart vê a cidade como resultado da concentração de riqueza, como espaço formado pelo luxo, pelo consumo, pela busca da fruição do prazer (Sombart, 1965, p. 52-53). Há mais de um aspecto em comum entre as grandes cidades antigas e o fenômeno urbano da modernidade. Em relação à forma da cidade – o traçado urbano –, há uma reiterada continuidade da influência de Vitruvius, retomada na Renascença por Paládio e Alberti, no sentido da predominância da geometria das retas, das praças centrais, que concentram o poder político e religioso. A forma quadricular, o plano regulador, modelará todas as cidades modernas (Benevolo, 1975).

presença com produtos próprios, mas com *maneiras de utilizar* os produtos impostos por uma ordem econômica e política dominante (Chartier, 1990, p. 56).

Em relação à metodologia, a pesquisa tem uma abordagem qualitativa, com cruzamentos de fontes: entrevistas orais e imagens. As fotografias realizadas pelo entrevistado sobre a cidade de Guapimirim fazem parte do *corpus* documental e juntamente com as entrevistas formam camadas de percepção do objeto. Procuo assim justificar a ideia de trabalhar as imagens das fotografias. Os materiais da memória podem se apresentar sob a forma de monumentos, herança do passado, ou documentos, à escolha do historiador. Essa ampliação das fontes, proposta a partir da *Nouvelle Histoire* francesa, que provocou uma verdadeira revolução dentro da História, deve ser levada em conta ao se refletir acerca do trabalho com fontes escritas e orais, mas também com fontes imagéticas. Os documentos escritos continuam a ter importância, porém o historiador pode transformar em documento tudo que “pertencendo ao homem, depende do homem, serve ao homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem” (Le Goff, 1984, p. 98).

Neste sentido, opera-se a valorização atual do documento que ontem foi considerado insignificante. Sob esse aspecto, o documento iconográfico passou a ter seu lugar na ciência histórica. Michel Vovelle apresenta uma análise sobre o problema do uso de fontes como a iconográfica em *Uma história das mentalidades* (1987), na qual a precedência do documento escrito se encontra, senão questionada, pelo menos podada. Estudo que tenta esclarecer o motivo da análise da imagem como fonte histórica, explicitando a atestada importância desta documentação. Boris Kossov (2007) afirma que a imagem adquire sentido quando se percebem as múltiplas teias que a enlaçam ao contexto histórico e à vida social em que se insere e, ao mesmo tempo, documenta.

Lugares de memória e autorrepresentação

Para Pierre Nora (1993), os lugares de memória, que se caracterizam como lugares de produção de sentido e de formação de imaginários contemporâneos, são potencialmente transformadores de nossas subjetividades, são a memória viva, já que não têm só a intenção de guardar a memória, mas de construí-la, transmiti-la e potencializá-la. Assim, os sujeitos podem e devem construir memórias e narrar histórias contra-hegemônicas que podem fortalecer identidades nas comunidades e/ou grupos aos quais se inserem. As histórias e memórias contra-hegemônicas do ambiente urbano germinam nas referências da história local e autobiográfica, permitem que seus moradores reflitam sobre elas, se envolvam, possibilitando fortalecimentos identitários e pertencimento à cidade.

Nora (1993) explica que os lugares de memória têm tríplice acepção: 1- são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos;

2- são lugares funcionais porque têm ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas; 3- são lugares simbólicos onde essa memória coletiva se expressa e se revela. Nora afirma que uma das questões significativas da cultura contemporânea se situa no entrecruzamento entre o respeito ao passado e o pertencimento a um determinado grupo, entre consciência coletiva e individualidade, entre memória e identidade. A possibilidade de identificação de um lugar de memória de Guapimirim possibilita o levantamento de espaços físicos ou simbólicos, significativos da cartografia da região.

Os estudos sobre os lugares de memória de cada sujeito, suas lembranças, subjetividades e usos da cidade ficam à margem do poder, das grandes histórias, das grandes narrativas, mas, com estudos como o aqui proposto, passam a ser protagonistas, resgatando as histórias autobiográficas dos anônimos. Essas narrativas fazem emergir um campo de afetividade e desejo que se conecta com a cidade, incitando uma identificação com a subjetividade e o pertencimento dos sujeitos (Ginzburg, 1999). Richard Sennett (2006) lembra que a história das cidades tem conexão íntima com a história do corpo dos sujeitos, o que sentem, o que veem, o que cheiram, o que vestem, o sexo etc. Estimular o corpo tátil e multidimensional nos lugares de memória se torna potente para as subjetividades dos indivíduos nas cidades atuais e sua autorrepresentação (Sennett, 2006).

Os processos e a produção de lugares de memória subjetivos possibilitam a construção de novas cartografias do patrimônio cultural e natural que nos ensinam a resistir às práticas coloniais para abertura de novos horizontes e redes de afeto na cidade. Sendo assim, acredito que estudar os lugares de memória invisibilizados pelos poderes dominantes, como das minorias do poder, ou por tantos outros grupos subalternizados nas sociedades atuais, leva a um novo olhar para a cidade, mais afetivo e íntimo.

Peter Pelbart (2003) ressalta que as subjetividades dos sujeitos se inventam e se desenham num fluxo entre os mais diversos domínios da vida urbana: nas ruas, parques, escolas, arquitetura. Para detectarmos estas subjetividades, é preciso que se traga à cena os conceitos de “poder sobre a vida” e as “potências da vida”, proposições que, segundo ele, se entrelaçam como uma Fita de Moebius. Esta postura diante da vida de poder e afirmação da potência e da subjetividade demonstra as possibilidades de ativações mobilizadoras e/ou transformadoras, por fim, descolonizadoras. O poder é muito mais molecular e esparramado, operando a partir de dentro de nós de maneira intrínseca. Peter Pelbart fala que, para resistir, os sujeitos desenvolvem como resposta a biopotência (a potência da vida). Ambas as instâncias coexistem: a potência é imanente às condições do poder. Nesse viés, a produção do novo já não aparece como subordinada ou dependente do capital e se torna invenção, produção do novo dos homens comuns na densidade social-comunicativa da cidade (Pelbart, 2003).

Estudo aqui os lugares de memória, pesquisando a cultura, o cotidiano e os diferentes modos de uso, ou *maneiras de fazer*, da cidade pelos sujeitos anônimos, como o estudante/colaborador Leonardo Porcino. Pretendo analisar não somente o lugar de memória trazido por ele, mas principalmente (re)descobrir os sujeitos que nele moram,

que nele trabalham e que entorno dele vivem. Os bairros, rios, cachoeiras são palcos onde os personagens da vida cotidiana transitam. Mulheres, homens, LGBTQIAPN+, afrodescendentes, indígenas, brancos, gente que passa, as vidas que se cruzam na história da cidade. Protagonistas e sujeitos da história, todos aqueles que vivem na cidade.

Observa-se, dessa forma, que é relevante trabalhar com o tema da memória dessas pessoas comuns, desses anônimos que vivem a cidade para que se possa compreender melhor o espaço urbano contemporâneo e seu patrimônio cultural e natural. Portanto, a história deve ser apreendida em sua própria historicidade, combinando o espaço de experiências do passado e o horizonte de expectativas de futuro de uma coletividade humana (Koselleck, 2006).

Ao resgatar os lugares de memória mais representativos da cidade através da memória dos seus habitantes, se possibilita a construção de representações e significações que o espaço da cidade contém. Acredito, ainda, que, mediante seleção e interpretação destas paisagens, seja possível mapear possibilidades de reconhecer a cidade em seus múltiplos e dinâmicos significados históricos e assim possibilitar ao cidadão “exercitar a competência política (conhecimento do local) e a capacidade de resistência (desconstrução das narrativas oferecidas) que evitem o inebriamento e a disciplina que a profusão desconexa de imagens urbanas sintéticas e emblemáticas tende a provocar” (Fortuna, 1999, p. 55).

Os lugares de memória, carregando suas reminiscências, são parte de nossa cultura e identidade. A construção destes lugares não busca uma mera representação da realidade, mas um olhar prismático e diferenciado das questões habituais, criando um estranhamento que promova a construção de um novo olhar sobre a cidade. Esse trabalho cria um diálogo entre história individual e coletiva; particular e social, revelando a subjetividade do indivíduo anônimo, através de sua narrativa autobiográfica e sua autorrepresentação sobre os lugares de memória de Guapimirim.

As Águas de Guapimirim como lugar de memória: Leonardo Porcino

O lugar de memória que analiso neste estudo, lembrado pelo entrevistado Leonardo Porcino, é o conjunto das cachoeiras e dos rios de Guapimirim e adjacências. Guapimirim, município da Região Metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, compõe a região turística Serra Verde Imperial, ao lado de Teresópolis, Petrópolis, Nova Friburgo e Cachoeiras de Macacu. A cidade está situada em um vale na base do Pico Dedo de Deus, acidente geográfico, símbolo da região, que pode ser visto de diversos pontos. Esta região é considerada um santuário natural intocado pelo homem: cerca de 70% de seu território está distribuído em 5 áreas de proteção ambiental. Vale ressaltar que uma delas está em área de manguezal, recebendo o apelido de pantanal fluminense, onde é comum ainda encontrar jacarés-de-papo amarelo (Setur; Turisrio, 2018).



Figura 1– Escala ilustrativa do Rio de Janeiro e da região Serra Verde Imperial.
Fonte: Setur e Turisrio (2018).

Os primeiros registros de Guapimirim datam de 1674 e citam um povoado de índios Timbiras às margens do rio Aguapei-Mirim na região onde, hoje, estão localizados os bairros Vale das Pedrinhas e Parque D’Ajuda. Quando foi oficialmente fundada, em 1674, a localidade ganhou o nome de “Nossa Senhora d’Ajuda de Aguapei-Mirim”. Com o tempo, o topônimo foi abreviado para “Guapimirim”, que é originário do termo tupi agúapéymirim, que significa “rio pequeno dos aguapés” (Guapimirim, 2017a).

No final do século XVIII, surgiu o povoado de Santana, que ficava no caminho das tropas que levavam mercadorias para o sertão das Minas Gerais, de onde traziam ouro e pedras preciosas. Foi também nessa época que passou a existir o povoado da Barreira, onde está localizada a Igreja de Nossa Senhora da Conceição (1713) e a antiga sede da Fazenda Barreira. Em 1939, o presidente brasileiro Getúlio Vargas criou o parque Nacional da Serra dos Órgãos e a fazenda Barreira foi incorporada ao patrimônio ambiental da União (Guapimirim, 2017b).

As últimas décadas do século XIX foram marcadas pela construção da estrada de ferro Teresópolis. A população, em sua maioria, era formada de lavradores e ferroviários.

Com a construção da rodovia BR-116, em 1958, o transporte ferroviário entrou em decadência. A chegada da rodovia facilitou o acesso à serra e foi fator preponderante na intensificação do processo de ocupação. Guapimirim se emancipou do município de Magé em 1990. Com a Lei Estadual nº 1.772, de 21 de dezembro de 1990, se concretiza a emancipação, elevando Guapimirim à categoria de município (Guapimirim, 2017b).

Atualmente, acredita-se que, a partir da valorização de espaços antes desconhecidos ou não reconhecidos pela maioria da população guapimirense, sobretudo relacionados ao patrimônio natural, cultural e histórico do município, impulsionados pelo turismo, venha ocorrendo um processo de ressignificação de Guapimirim – o que poderia estar alterando a percepção e a relação dos moradores com o próprio lugar. Dessa forma, o entrevistado, Leonardo Porcino, escolheu, como seu lugar de memória, o conjunto das cachoeiras e dos rios, formando um roteiro (trilhas) das águas de Guapimirim.

Porcino se recorda que o primeiro contato com o seu lugar de memória foi quando tinha 5 anos de idade. Sua relação com as águas de Guapimirim começou de forma potente, pois frequentava as cachoeiras como lazer, juntamente com sua família e amigos: “Lembro vividamente de irmos todos, eu, minha irmã mais velha e meus pais, levando caixas de isopor repletas de salgados caseiros para vender. As cachoeiras foram nossa diversão, mas também nosso sustento” (Leonardo Porcino, 2023).

O entrevistado destaca que os rios e as cachoeiras são o orgulho de Guapimirim, mas também fonte de lazer e de dinheiro, uma vez que atraem muitos turistas desejosos por natureza e tranquilidade. Essas cachoeiras, segundo ele, têm uma função social na cidade de Guapimirim. A família do entrevistado, assim como a de outros moradores, costumava vender salgados, como ambulantes, no entorno das cachoeiras. Grande parte da renda familiar era obtida através desse negócio, no próprio monumento. Assim, esses monumentos se destacam como espaços onde se disputam os usos econômicos, tanto devido ao comércio dos ambulantes quanto por conta do turismo, se convertendo em possibilidade de atividades econômicas de sustento da população na região. Segundo Santos (2020), em relação à população, há a preocupação pelo setor turístico de que os moradores sejam beneficiados pelo turismo, a partir do desenvolvimento econômico em consonância com a preservação do meio ambiente, evitando o turismo de massa (Santos, 2020).

Porcino endossa que teve a felicidade de crescer nessas águas, que elas representam tanto a sua história quanto a dos moradores de Guapimirim. A cidade é conhecida por suas belezas naturais, por suas fontes, pela qualidade de sua água. Ele lembra, inclusive, que, no hino oficial da cidade, se destaca o seguinte trecho: “Corre água em cachoeiras / Lírrios e os manguezais / E o dito que é popular: – Quem bebe água de Guapi saudoso voltará!” (Leonardo Porcino, 2023).

A limpeza das águas de Guapimirim é realçada por Nitahara (2016). Ele explica que o município abriga o maior trecho de manguezal do estado do Rio de Janeiro e o único ainda preservado em todo o entorno da Baía de Guanabara, mais precisamente na Área de Proteção Ambiental (APA) de Guapimirim, que também contempla os

municípios de Magé, Itaboraí e São Gonçalo. Passam por ali cerca de 60% do volume de água limpa que desemboca naquele ecossistema, fazendo um contraponto aos milhões de litros de esgoto despejados a cada segundo na Baixada Fluminense (Nitahara, 2016).

Porcino salienta também que há grupos religiosos que utilizam as cachoeiras para rituais e celebrações, tanto os evangélicos fazendo batismo dos fiéis, quanto religiões de matriz africana realizando ritos, colhimento de pedras e ervas. Esse espaço sincrético, onde convivem diferentes religiões, é um palco de democracia. O significado desses ritos religiosos tem uma relação direta com os pontos específicos do espaço que guardam e recebem a memória daqueles que realizam o rito. Dessa maneira, dá-se a conversão dos espaços cotidianos em espaços sagrados, estando sua configuração relacionada ao tempo necessário de ocupação para que a memória dos antepassados possa se reinstaurar no presente. “O corpo esculpe no ar os anéis da ancestralidade” (Martins, 2021, p. 82). Levando em consideração que esses ritos constituem signos, vale ressaltar que todo signo é uma convenção, um signo interpretante em qualquer produção semiótica de uma cultura, representando todos os processos de construção cognitiva que essa mesma cultura opera nos domínios sociais.

Já em relação à sociabilidade, o entrevistado afirma que, por se tratar de uma cidade pequena, é comum que os moradores se conheçam ao menos de vista. Recorda que famílias se divertem nas cachoeiras e nos rios, levando alimentos para comer ao longo do dia. Importante salientar que em sua grande maioria existe uma consciência de cuidado com o meio ambiente e preservação das trilhas e das águas. Ele explica que há regras no uso das cachoeiras e dos rios, que os usuários procuram observar as possíveis mudanças climáticas, pois algumas dessas cachoeiras são suscetíveis à cabeça d’água, um fenômeno natural bastante perigoso.

Para Porcino, as Águas de Guapimirim têm um valor simbólico inscrito no próprio monumento que justificam a expressão de suas percepções mais particulares e subjetivas:

Eu sempre amei estar na água, sejam salgadas ou doces. Sempre senti uma ligação especial com as águas de Guapimirim, principalmente, por crescer no meio delas. Acredito que, para além do bem-estar físico que claramente elas nos proporcionam, existe algo de misterioso e curativo. Impossível banhar-se e voltar para a casa com a mesma energia, saímos melhores. As cachoeiras representam o lazer, a comunhão familiar e de amigos, e, ainda, me causa efeitos terapêuticos físicos e emocionais. Quando pequeno, meus parentes brincavam me chamando de ‘peixinho’, pois era o primeiro a correr para a água e o último a sair dela, e isso nunca mudou. Sensação de alegria e gratidão por morar/estar em um lugar que, apesar de seus desafios, é tão belo e pacífico. (Leonardo Porcino, 2023).

O patrimônio cultural/natural, neste caso, pode ser considerado como base de uma identidade de pertencimento que passa de geração em geração. A partir desta

ótica, compreende-se por que o entrevistado explica que o patrimônio das águas de Guapimirim, juntamente com o turismo desenvolvido na região, retira a cidade da invisibilidade, sobretudo, das pessoas que estão inseridas em um contexto de maior vulnerabilidade social. Essas pessoas sinalizam o receio de “não serem vistas” ou “ficarem esquecidas”, credenciando ao turismo a competência por agora serem percebidas pela sociedade. O turismo em Guapimirim passa a levar em conta a sustentabilidade sociocultural e socioambiental do município (Santos, 2020).

O entrevistado também se recorda que a cidade de Guapimirim é cercada por serra, montanhas, muitas árvores de todo tipo, flores e animais: “A fauna e a flora são fantásticas” (Leonardo Porcino, 2023). Ele lembra que algumas cachoeiras são avistadas da cidade e de fácil acesso, outras são mais difíceis, dificultando a chegada dos turistas e, conseqüentemente, o negócio dos ambulantes. Já em relação à iluminação, não existe luz elétrica, ao anoitecer os locais são esvaziados. Porcino indica que, no que diz respeito aos meios de transporte, é possível acessar boa parte dos rios e cachoeiras de carro, ônibus, moto e até de bicicleta, porém os locais mais afastados contam, em sua maioria, com trilhas e caminhos acessíveis apenas a pé. Ele diz que algumas trilhas são tão complexas que necessitam de guias especializados.

O conjunto das cachoeiras e rios apresenta diferentes valores simbólicos como legado, tanto por causa da natureza, quanto pelo valor religioso, como local de culto e oferendas, ou, ainda, como valor turístico e econômico. Porcino enfatiza que as cachoeiras são o orgulho de Guapimirim. Entretanto, apesar do valor simbólico inscrito nas trilhas das águas, o poder dominante não tem preservado a região como deveria, acentuando a construção irregular nas beiras dos rios e cachoeiras.

Apesar de ser natural, há um processo de mudança paisagística, visto que partes inteiras da cidade vêm sendo dominada por construções de luxo e a parcela mais pobre da população tem sido, cada vez mais, empurrada para áreas pouco assistidas. Esse processo vem causando, dentre outras questões, ocupação irregular na beira de rios e cachoeiras. É uma pena, pois, certamente Guapimirim não seria a mesma se não tivesse tamanha beleza natural. Entretanto, ainda há muitos locais pouco explorados e, conseqüentemente, mais preservados. (Leonardo Porcino, 2023).

O entrevistado afirma que a cidade é compatível com o patrimônio cultural/natural. Entretanto, explica que Guapimirim possui uma divisão entre centro e periferia, em que, no centro e nas partes mais nobres, a cidade apresenta um urbanismo sustentável e organizado. Todavia, nas partes mais periféricas e empobrecidas, o descaso com as comunidades revela a desigualdade social existente.

Percebo que essas lembranças impregnam as referências de sua infância, de sua história, os rastros que expõem, que simbolizam e que significam a história do patrimônio cultural/natural de Guapimirim. Para o entrevistado, as cachoeiras representam um documento/monumento da cidade:

Água corrente se encaixa perfeitamente no conceito de pertencimento e vida, impregna tudo que toca e vincula os tempos. Acredito muito no poder restaurativo, ‘descarregador’ das águas, e é lindo pensar que meus bisavôs se banhavam nelas, meus avôs, e, hoje, eu também. Pessoas nascem, morrem, gerações passam, mas a água do nosso lugar é como um colo, um berço perpétuo. (Leonardo Porcino, 2023).

Percebemos que o tempo do afeto e da memória deste espaço, para Porcino, é o tempo espiralar, o *ritornelo* de sua infância, a lembrança de seus antepassados e pessoas que o marcaram afetivamente na convivência nas cachoeiras e nos rios. Dialogando com Martins (2021) sobre o conceito de tempo espiralar, percebemos que o tempo é uma paisagem habitada pelas infâncias do corpo, uma andança anterior à progressão, um modo de predispor os seres no cosmos. A autora lembra que tais manifestações culturais expressam a visão de uma época que matiza as sociedades e os sujeitos que ali se constituem. Para Martins, pensar o tempo de forma espiralar é perceber os movimentos de reversibilidade, dilatação e contenção. Um tempo não linear, descontínuo, contração e descontração, simultaneidade de passado, presente e futuro, que tem como experiência básica o corpo em movimento. Escreve a autora sobre o tempo como *ritornelo*: “Disperso em uma espacialidade rítmica [...], o discurso poético pressupõe recorrências, ressonâncias, voltas, regimes de ciclos, procedimentos de retornos, simultaneidade de vários tempos e sua reversibilidade” (Martins, 2021, p. 30-31).

As lembranças de Porcino nos fazem perceber o tempo espiralar, do *ritornelo*, como reversibilidade que é estrutural e abraça os retornos internos. Oposto à noção de tempo linear, que se expressa pela sucessividade, pela substituição, por uma origem definida de direção e sentidos progressivos, cujo horizonte é um fim inevitável, o tempo espiralar é restaurado em ações comportamentais, em hábitos e convenções sociais, em práticas culturais. Diz Martins: “Os hábitos, rituais e rotinas da vida são comportamentos restaurados e, como tal, são vivos, podendo ser recriados e rearranjados” (Martins, 2021, p. 39).

Nesta perspectiva, os hábitos sociais são essencialmente performances legitimadoras. Fazendo uma ponte com o pensamento de Nora (1993), a memória do conhecimento não se resguarda apenas nos lugares de memória, praças, museus etc., mas constantemente se recria e é transmitida pelos ambientes de memória, pelos repertórios orais e corporais, gestos, hábitos, cujas técnicas e procedimentos de transmissão são meios de criação, passagem, reprodução e preservação de saberes.

Para Porcino, as águas de Guapimirim são tão importantes quanto o famoso Dedo de Deus, elemento natural monumentalizado que representa a região. Os moradores amam e se orgulham das “saudáveis águas de Guapi”. Assim, na medida em que ele nomeia as “Águas de Guapimirim” como seu lugar de memória, opera-se a monumentalidade do local, sendo sua entrevista um documento/monumento. Ele

destaca que:

Mesmo aqueles guapimirenses que se mudaram para outro lugar (como foi o meu caso) anseiam sempre em voltar e usufruir desse pequeno paraíso. O laço maior que me une à Guapimirim, depois da minha mãe, são suas águas. Penso que, onde eu estiver, um pouco dessas águas estão dentro de mim, como um constante antídoto contra o mundo (Leonardo Porcino, 2023).

Em suas lembranças, um dos pontos que mais se destaca em relação às cachoeiras e aos rios é o som da correnteza, para ele, um dos mais belos fenômenos acústicos existentes: “Seja um calmo carinho da água na pedra, seja uma queda d’água exuberante, o som das águas é parte fundamental do processo terapêutico pelo qual acredito passar. Alia-se a isso o cheiro de mato, de mata, de frutos, uma experiência realmente curativa” (Leonardo Porcino, 2023).

O entrevistado é fotógrafo e trouxe um ensaio de fotografias que realizou durante os anos de 2017 e 2020, sobre as cachoeiras e os rios de Guapimirim que fez parte da entrevista como disparador de suas lembranças.

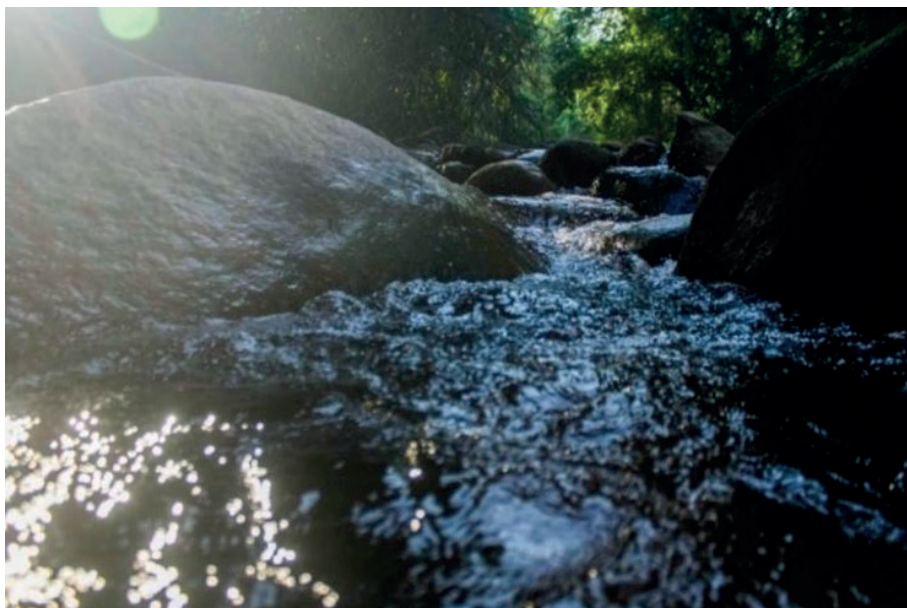


Figura 2 – Cachoeira do Limoeiro, Guapimirim.
Fonte: Leonardo Porcino, 2019 (Coleção particular).

Em relação à Cachoeira do Limoeiro (Figura 2), ele recorda que ela estava com uma luz maravilhosa, um sol de fim de tarde, as águas azuladas e efervescentes. “Corri

o risco de perder o equipamento, mas valeu a pena. Esse registro, na minha visão, mostra o lado místico-mágico desses lugares. A força e a doçura da natureza” (Leonardo Porcino 2023).

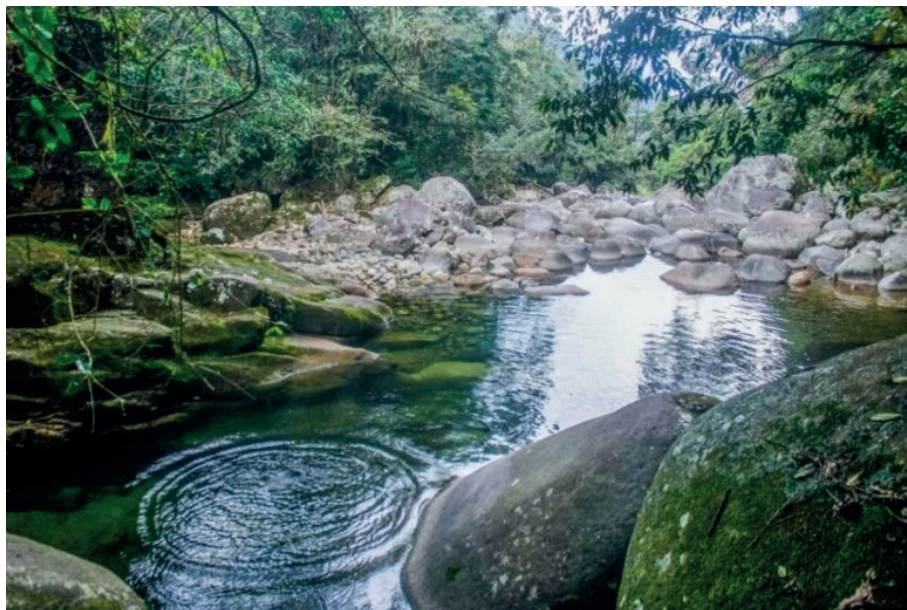


Figura 3 – Rio Soberbo, Parque Nacional da Serra dos Órgãos (Parnaso), Guapimirim.
Fonte: Leonardo Porcino, 2020 (Coleção particular).

Em outra experiência, ele se recorda do Parque Nacional da Serra dos Órgãos – sede Guapimirim (Parnaso),³ local de preservação dotado de natureza exuberante, cachoeiras e poços naturais. Porcino fotografou o rio Soberbo (Figura 3), ele esclarece que o rio parte no Parnaso e corta a cidade. Este rio, segundo o entrevistado, é a joia de Guapimirim:

É também conhecido pelo fenômeno chamado ‘cabeça d’água’, quando a chuva causa um grande acúmulo nos trechos superiores, ao romper, o rio pacato e belo se torna violento, rapidamente, tendo já feito muitas vítimas. Hoje em dia, existe um forte monitoramento e alarmes de perigo que são acionados a fim de evitar novas tragédias. (Leonardo Porcino, 2023).

3 A Sede Guapimirim do Parque Nacional da Serra dos Órgãos (Parnaso) está localizada no início da serra - Km 102 da BR 116, a 74km do Rio de Janeiro. A entrada está localizada à direita da rodovia (sentido Teresópolis) e é bem-sinalizada. O acesso a partir do Rio de Janeiro se dá pelas rodovias BR-040 (Rio-Petrópolis ou Rio-Juiz de Fora) e BR-116 (ICMBIO, 2023).



Figura 4 – Cachoeira do rio Paraíba, Guapimirim.
Fonte: Leonardo Porcino, 2017 (Coleção particular).



Figura 5 – Cachoeira do rio Paraíba, Guapimirim.
Fonte: Leonardo Porcino, 2017 (Coleção particular).

Porcino costumava brincar no rio Paraíso (Figuras 4 e 5), esta lembrança chamou sua atenção para fotografar crianças na hora de lazer: “Crianças correm felizes para seu momento de lazer, a menina brinca despreocupada na boia. Registros que refletem bem a relação dos habitantes com as águas desde pequenos. Crescemos nelas e com elas” (Leonardo Porcino, 2023).

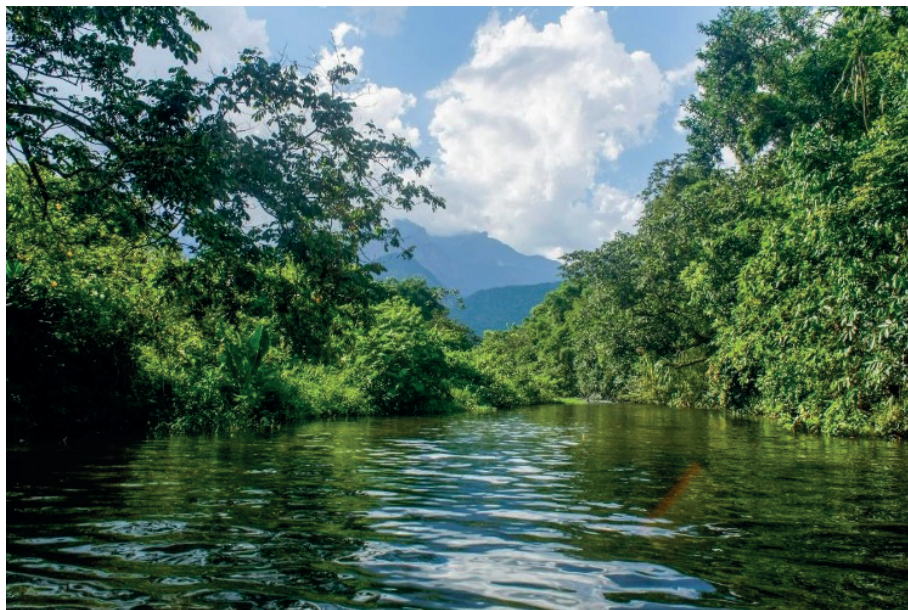


Figura 6 – Prainha da Iconha, Guapimirim.
Fonte: Leonardo Porcino, 2018 (Coleção particular).

Na Prainha da Iconha (Figura 6), Porcino gostava de fazer ensaios fotográficos, pois era o seu rio preferido: “Não há quedas, correntezas ou profundidades, suas águas calmas e delicadas parecem nos acalantar. Vivi momentos muito afetuosos com minha família, vários animaizinhos apareciam, e até uma preguiça veio calmamente me saudar” (Leonardo Porcino, 2023).



Figura 7 – Cachoeira da Quizanga, Cachoeiras de Macacu (adjacência de Guapimirim).
Fonte: Leonardo Porcino, 2019 (Coleção particular).

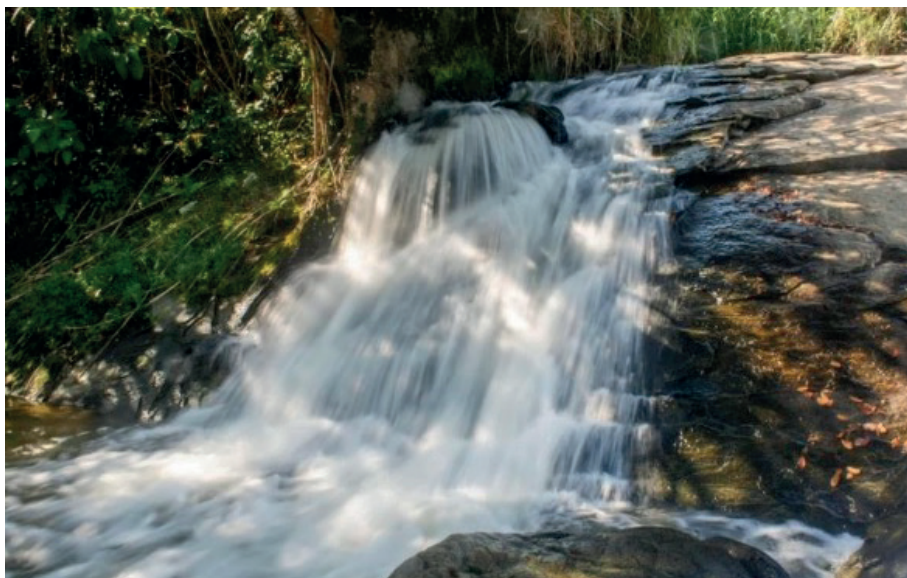


Figura 8 – Cachoeira da Quizanga, Cachoeiras de Macacu (adjacência de Guapimirim).
Fonte: Leonardo Porcino, 2019 (Coleção particular).

A Cachoeira da Quizanga (Figuras 7 e 8), mesmo localizada no entorno de Guapimirim, em Cachoeiras de Macacu, fez parte do conjunto selecionado por Porcino, porque, segundo seu olhar, foi abraçada pelos moradores em uma relação de pertencimento e afeto:

Eu decidi adicioná-la também pelo fato de os guapimirienses terem adotado o local, pois, apesar de um pouco longe, é bastante acessível, conta com diversas quedas d'água e com prainhas onde podemos descansar embaixo das árvores, ou queimar no sol, enquanto observamos a alegria e diversão das nossas crianças (e adultos). É bastante comum saírem grupos de Guapimirim no final de semana, ansiosos para aproveitar sua maravilhosa cachoeira. (Leonardo Porcino, 2023).

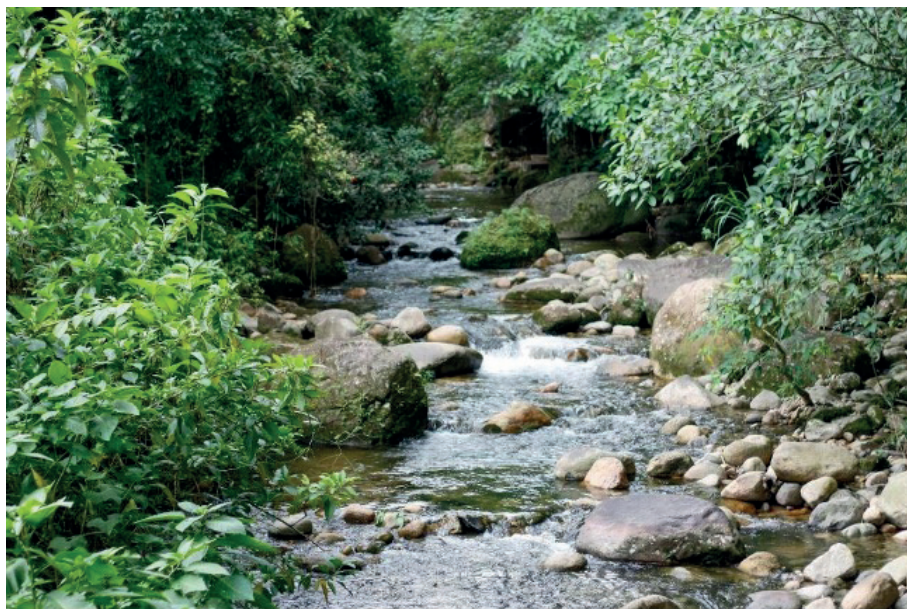


Figura 9 – Poço da Lage, Guapimirim.
Fonte: Leonardo Porcino, 2019 (Coleção particular).

Já a fotografia da Cachoeira do Poço da Lage (Figura 9) é um registro de uma das corredeiras que cortam a cidade, mostrando a paisagem que os transeuntes podem enxergar quando passeiam pelas ruas de Guapimirim, espaços refrescantes, com muita mata e todo tipo de riqueza natural.



Figura 10 – Poço do Padre (ou “Poço do escorrega”), Guapimirim.
Fonte: Leonardo Porcino, 2022 (Coleção particular).

Por fim, o entrevistado lembra da Cachoeira do Poço do Padre, ou Poço do escorrega (Figura 10). Neste local, existe uma grande pedra onde as pessoas sobem com a ajuda de uma corda, escorregando até a água. Porcino descreve que a cor das águas é clara, sendo algumas de tom mais esverdeado. Ele reconhece esses documentos/monumentos como extensão de si mesmo, de pertencimento à cidade.

Nessa cachoeira, foram gravadas cenas da novela Uga-Uga, da Rede Globo, provavelmente, se deu por sua beleza. Além disso, também pelo fato de embaixo da grande pedra haver uma passagem. É possível mergulhar de um lado e sair do outro, detalhe relevante na trama da novela. O poço é bastante conhecido também pelo acesso fácil, pela enorme pedra, onde as pessoas sobem com o auxílio de uma corda, sentam-se no alto e vêm escorregando até cair na água, e não menos importante, pelo também famoso Rogério's Bar e Restaurante que fica na mesma rua. Esta cachoeira é muito importante para mim, porque além de tudo isso, tem um significado especial e pessoal. Essa foi uma das cachoeiras onde mais trabalhamos com vendas de lanche, uma vez que sempre está cheia de turistas. Para além do fato de ela ser belíssima e ter um escorrega natural, sinto muito carinho, gratidão e de alguma forma sinto um pouco a presença do meu pai que já partiu. (Leonardo Porcino, 2023).

Finalizando a entrevista, Porcino se recorda da música *O rio*, interpretada por Marisa Monte, que para ele representa as “Águas de Guapimirim”:

Ouve o barulho do rio, meu filho / Deixa esse som te embalar / As folhas que caem no rio, meu filho / Terminam nas águas do mar / Quando amanhã por acaso faltar / Uma alegria no seu coração / Lembra do som dessas águas de lá / Faz desse rio a sua oração / Lembra, meu filho, passou, passará / Essa certeza, a ciência nos dá / Que vai chover quando o sol se cansar / Para que flores não falem / Para que flores não falem jamais. (Monte, 2006).

Assim, a partir da narrativa de Porcino, percebo que as águas de Guapimirim são consideradas como trilhas praticadas, onde grupos sociais ritualizam suas memórias e se identificam com a região. Aqui, se observa a questão que Nora (1993) denomina de apropriação de lugares de memória pela sociedade para a construção de sua identidade e acesso a um lugar compartilhado.

Observo que a preservação das cachoeiras se deu, sobretudo, pela ação das comunidades de Guapimirim envolvidas. Isto mostra que, mais do que a necessidade de manutenção de um local sagrado, a mobilização em torno dessas paisagens/monumentos, as suas águas e cachoeiras, está diretamente ligada ao que Nora colocou como apropriação dos lugares de memória pelos grupos sociais em sua constante busca de autolegitimação e autorrepresentação para a ação política das trilhas praticadas.

Lugar de memória como trilhas praticadas pelo entrevistado

Por meio das lembranças do entrevistado, pude analisar os modos de fazer de Guapimirim. As Águas de Guapimirim formam um conjunto de lembranças subjetivas que são um percurso de busca da representação dos lugares da cidade com capacidade de produzir laço social e identidades. É claro que escutar e compreender as vozes do passado, se apropriar das imagens, se constitui algo parcial, fragmentário, pois são rastros do passado no presente.

Os conceitos desenvolvidos por Certeau (1994), tais como “antidisciplina”, “maneiras de fazer”, “trilhas”, “astúcias” cotidianas, são extremamente úteis, pois me permitem fugir de esquematizações. Eles também me fornecem o arcabouço conceitual para refletir acerca da experiência de apropriação do espaço urbano como um “lugar praticado”, ou como prefiro chamar neste estudo de “trilhas praticadas”.

A partir do conceito de “disciplina” proposto por Michel Foucault (1988), Certeau desenvolve a ideia de “antidisciplina”, que é o tema do seu livro *A invenção do cotidiano* (1994). Para Certeau, mais urgente do que a rede de vigilância, que se estende por toda a parte, é descobrir como uma sociedade inteira não se reduz a ela:

que procedimentos jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com eles a não ser para alterá-los; enfim, que “maneiras de fazer” formam a contrapartida, do lado dos usuários, dos processos mudos e invisíveis que organizam a ordenação sociopolítica.

Dessa forma, pode-se pensar que os discursos e as lembranças do entrevistado, de seu lugar de memória, trazem em seu conteúdo a indicação de representações da realidade. Essas representações demonstram hábitos mentais, posicionamentos ideológicos, éticos e morais, resultantes de condições de interações e imposições, resistências e incorporações, destacando, dessa maneira, a atenção para as “forças criadoras de hábitos” inerentes a cada grupo em uma mesma época (Chartier, 1990).

Nesse sentido, as “visões de mundo”, que podem ser inventariadas, nos levam ao contato com demonstrações de identidades morais, variáveis cultural e historicamente compartilhadas e afirmadas como patrimônio por indivíduos de um grupo e de uma geração.

Considerações finais

A análise sobre o lugar de memória trazido pelo discente revelou o quanto o trabalho com os documentos/monumentos como dispositivo de afeto e subjetividade na construção da história é fundamental para ressignificar a cidade como trilhas praticadas. Ressalto a importância da leitura dos lugares de memória, enquanto espaços concretos e visíveis, onde a história ensinada se deposita e é também, simbolicamente, representada. Com isso, o patrimônio cultural e natural passa a ser alvo de estudo nas aulas que leciono, que, por sua vez, desempenha importante papel na leitura crítica da dinâmica espaço-temporal das cidades e na compreensão da historicidade dos lugares.

Os lugares de memória geram visões de nós e dos outros estabelecendo um jogo sutil e constante entre identidades e alteridades em memórias construídas e histórias narradas, que possibilitam fortalecimentos identitários dominantes ou de resistência. Logo, construir memórias muitas vezes “esquecidas” pelas elites é um dever, uma necessidade política (Sarlo, 2007). Trabalhar com o patrimônio cultural/natural da região metropolitana periférica enfatiza a relação entre centro e periferia na construção da história, daquilo que deve ser lembrado e esquecido.

Operou-se a divulgação e potencialização do lugar de memória contra-hegemônico na região metropolitana do Rio de Janeiro (Guapimirim), em que o morador e usuário local, tal como, Porcino, foi protagonista, mediante suas lembranças e seus testemunhos autobiográficos. Percebi como os lugares desempenham um papel fundamental na construção da memória coletiva. Os lugares que percorremos nos fazem lembrar de fatos ocorridos no passado e, assim, contribuem para a construção da memória coletiva.

Para Pierre Nora (1993), um monumento só é um lugar de memória se a ele é atribuído valor simbólico inscrito no próprio monumento. O conceito de monumento para Nora está ligado àquilo que carrega o que resta e perpetua de outro tempo, os fragmentos que contam, que simbolizam e que significam a história de uma cidade, onde as pessoas se identificam, criando um sentimento de pertencimento. Assim, a partir dessa ideia, se pode afirmar que o patrimônio cultural e natural das Águas de Guapimirim, lembrado por um sujeito anônimo, o entrevistado, é constituído de lugares de memória e de fontes do estudo do patrimônio da história das cidades.

Referências

- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BENEVOLO, Leonardo. *Storia della città*. Rome/ Bari: Editori Laterza, 1975.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2011.
- BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. V.3 - O tempo do mundo. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.
- FORTUNA, Carlos. *Identidades, Percursos, Paisagens Culturais*. Oeiras: Celta, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- GINZBURG, Carlo. *Il formaggio e i vermi: il cosmo di um mugnaio del'500*. Torino: Einaudi, 1999.
- GOMES, Angela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). *Memórias e narrativas (auto) biográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
- GUAPIMIRIM. Lei Municipal nº 979, de 10 de julho de 2017a. Disponível em: <http://www.camaradeguapimirim.rj.gov.br/leis-municipais-0>. Acesso em: 28 fev. 2024.
- GUAPIMIRIM. Lei Municipal nº 933, de 7 de fevereiro de 2017b. Disponível em: <http://www.camaradeguapimirim.rj.gov.br/leis-municipais-0>. Acesso em: fev. 2024.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HERSCHMANN, Micael; SANMARTIN; Cíntia. *Música nas ruas do Rio de Janeiro*. São Paulo: Intercom, 2014.
- HUYSEN, Andreas. *Memórias do Modernismo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- ICMBIO – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. *Parque Nacional da Serra*

dos Órgãos (Parnaso). Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/parnaserradosorgaos/guia-do-visitante.html>. Acesso em: 25 nov. 2024.

KOSSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.

KOSSOY, Boris. *Os tempos da fotografia*: o efêmero e o perpétuo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *Enciclopédia Einaudi*. V.1 - Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1984. p. 95-106.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MONTE, Marisa. O rio. Composição: Seu Jorge, Carlinhos Brown, Arnaldo Antunes e Marisa Monte. In: MONTE, Marisa. *Infinito Particular*. Rio de Janeiro: EMI, 2006. Disponível em: https://www.marisamonte.com.br/discografia_/infinito-particular/. Acesso em: 1 fev. 2024.

NITAHARA, Akemi. Promessa olímpica, despoluição da Baía de Guanabara deve levar 25 anos. *Agência Brasil*, Rio de Janeiro, 8 ago. 2016. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/rio-2016/noticia/2016-08/promessa-olimpica-despoluicao-da-baia-de-guanabara-deve-levar-25-anos>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2024.

PELBART, Peter. *Vida capital*: ensaios sobre biopolítica. São Paulo: Editora Iluminuras, 2003.

PIRENNE, Henri. *As cidades da Idade Média*. Lisboa: Europa-América, 1973.

SANTOS, Rafael Coelho Machado dos. *A resignificação de Guapimirim-RJ a partir da narrativa turística e os desdobramentos ocorridos no território*. Dissertação (Mestrado em Turismo) – UFF, Niterói, RJ, 2020.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado*: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra*: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SETUR – Secretaria de Estado de Turismo; TURISRIO – Companhia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro. *Cidades Maravilhosas*, 2018. Disponível em: <http://www.cidadesmaravilhosas.rj.gov.br/serraverdeimperial.asp>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2024.

SOMBART, Werner. *Lujo y capitalismo*. 3. ed. Madrid: Revista de Occidente, 1965.

VOVELLE, Michel. Iconografia e História das Mentalidades. In: VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 65-102.

Fonte Oral

PORCINO, Leonardo Bachelos [31 anos]. [set. 2023]. Entrevistadora: Gianne Maria Montedônio Chagastelles. Rio de Janeiro, RJ, 29 set. 2023.

Recebido em 17/03/2024

Versão final reapresentada em 20/09/2024

Aprovado em 02/10/2024